

O Romântico Gonçalves Dias

OTACÍLIO COLARES

Antônio Gonçalves Dias, cujo sesquicentenário de nascimento ocorreu este ano, é, indiscutivelmente, uma das mais representativas figuras da literatura brasileira, marcando, no seu tempo e ainda hoje, ao lado de José de Alencar, o que se pode considerar como primeiro e definitivo estágio da história das letras nacionais.

Apontado, comprovadamente, como alta e legítima expressão do Romantismo em nosso País, assim o é por via de um complexo de fatores e atributos, uns de ordem natural, outros de ordem intelectual e cultural.

Nasceu o cantor dos Timbiras em 10 de agosto de 1823, no sítio Boa Vista, a 14 léguas da cidade de Caxias, antiga Aldeias Altas, província do Maranhão, sendo seus pais João Manuel Gonçalves, negociante português, oriundo de Trás-os-Montes, e a mestiça Vicência Mendes Ferreira que, a juntar-se com o pai do poeta, já havia sido casada.

Embora João Manuel seja apresentado, no geral, como homem de natureza ríspida e de caráter introvertido, dizem que era bom pai, daí a gratidão do filho, revelada em várias ocasiões, fato que não ocorria com relação à mãe, da qual, segundo Manuel Bandeira, só há uma alusão, da parte do poeta, na poesia "Miserrimus."

Mal nascido, apenas com um mês de idade, Gonçalves Dias era deixado aos cuidados da mãe, que o genitor, por perseguições políticas, teve de embarcar-se para Portugal, onde demorou dois anos. De volta a Caxias, restabelece sua atividade comercial, indo instalar-se, com o menino e a companheira, em casa situada na Rua do Cisco.

De 1825 a 1829, viveu o menino Antônio aquela que ele considerava a melhor quadra de sua vida, sendo ela, por certo, a responsável pela fixação, na mente do futuro poeta, do rico manancial de vivências de uma natureza ainda quase selvática, que assim era a do interior do Brasil, àquela época, mormente no Maranhão.

Aquele tempo, de uma infância descuidada e livre, segundo o testemunho de um grande amigo, Antônio Henriques Leal, era vivo e travesso, jamais sendo vencido “na luta em trepar árvores, passarilhar e nadar”.

Não será demais admitir que, criança, Gonçalves Dias tenha tido bastas vezes oportunidade de ver e tratar com bandos de índios mansos que procuravam o centro comercial de sua Caxias para a troca de seus artigos de artesanato com certos gêneros e artigos do pequeno mundo civilizado.

São essas tintas naturais do mundo da infância as que mais se fixam na memória, por assim dizer em forma subconsciente e que, no caso do poeta, viriam a ser influxo, de futuro, para alardeamento de uma das mais poderosas facetas de sua produção literária.

No tocante ao surgimento, em Gonçalves Dias, de uma conformação hipersensível, há que aludir a um fato marcante em sua infância. Em 1829, o pai abandonou-lhe a mãe, Vicência, com quem vivia apenas maritalmente, para casar-se com Dona Adelaide Ramos de Almeida, da qual teria quatro outros filhos, enquanto a genitora do futuro poeta, por sua vez, teria mais filhos de um ou mais homens.

Tendo iniciado o aprendizado das primeiras letras com a idade de sete anos, Gonçalves Dias, depois, passou a estudar em casa, com um primo que não lhe regateava palmatória nem chicote para fazê-lo íntimo da caligrafia e levá-lo a sair-se dos meandros traiçoeiros dos cálculos aritméticos. E isto, embora

o sacrifício imposto, valeria ao menino espantosa habilidade no trato das contas, por trás do balcão da casa comercial paterna.

Algo há que deve ser levado em conta para a futura vida e obra do poeta: as leituras com que o menino Antônio enchia as horas de lazer, naquela quadra primeira: História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França, de Lobeira; História de Portugal, de Laclede, e Vida de D. João de Castro, de Jacinto Freire de Andrade, todas obras cujos temas e personagens iam perder-se nas brumas medievais.

Foram esses impulsos pela leitura, em Gonçalves Dias criança, que levaram seu pai, estimulado por Ricardo Leão Sabino, que ensinava ao menino Latim, Francês e Filosofia, a pensar em mandá-lo estudar em Portugal, o que de logo não se efetivou, pois, ao chegarem pai e filho a São Luís, João Manuel, já abalado dos pulmões, teve agravados seus males, vindo a falecer na capital maranhense, em 13 de julho de 1837. Mas a esse tempo já era por tantos, em Caxias, reconhecido e louvado o talento de Antônio que, emulada por ponderáveis opiniões, a madrasta Adelaide concordaria em satisfazer aos apelos. Em 13 de maio de 1838, viajava ele para terras lusitanas, em companhia do português Bernardo de Castro e Silva, este de muda para a pátria, cumprindo-lhe a função de zelar pelo menino.

De 1838 a 1845 passou-se a vida do adolescente Antônio em Portugal, sabendo-se que, em outubro do ano inicial de tal período, já se encontrava em Coimbra, aprestando-se à habilitação para matrícula no ano letivo de 1839-1840.

É mais do que lógico, é natural que os primeiros tempos do jovem em Coimbra tenham sido de nostalgia, de inelutável sentimento de solidão. O meio requintado da cidade universitária lusa, uma das mais tradicionais e famosas da Europa, saber-lhe-ia a rude contraste com o bucolismo e a simplicidade do Brasil cuja vivência deixara em Caxias do Maranhão. Acrescente-se a isso a íntima sensação de ilhamento que devia sentir o recém-chegado, sabendo-se mestiço em terra de brancos num tempo em que os preconceitos não admitiam sem humilhações a condição de mameluco ou cafuso. . .

Nestas considerações não entra em linha de conta uma completa biografia do poeta, que outro é o interesse: as contingências que levaram o brasileiro Antônio Gonçalves Dias a ser um dos autênticos exemplares do romantismo nacional, a par das suas reveladas denotações de uma legítima consciência romântica de ordem intelectual, cultural.

Diga-se, à guisa de ressalva futura, que, em pouco tempo, em Coimbra, os dotes intelectuais e de personalidade do jovem brasileiro iriam granjear-lhe muitos admiradores e amigos, que lhe assegurariam inclusive amparo, quando a madrastra, por motivos que julgava ponderáveis, sugeriu-lhe em carta regressasse ao Maranhão. Foi graças a amigos tais que, em 1831, matriculou-se na Universidade de Coimbra, após aprovação nos exames preparatórios.

Enquanto satisfazia às exigências das “sebentas”, Gonçalves Dias adentrava-se nos clássicos portugueses e nas literaturas francesa e inglesa, indo até aos domínios da italiana e da alemã.

A partir de 1841, faz-se amigo de Serpa Pimentel, um dos corifeus do ultra-romantismo, integrando o grupo de jovens escritores que faziam a *Gazeta Literária*, depois do que comporia o grupo de redação do periódico *O Trovador*. É dessa data o seu primeiro poema, dedicado à coroação do Imperador Pedro II, do Brasil, não incluído pelo poeta nos *Primeiros Cantos*.

Alude Manuel Bandeira, seu percuciente biógrafo, que, nas férias de 1841, o poeta fez vilegiatura em Lisboa, gastando o tempo em passeios de barco, pelo Tejo, espontânea manifestação de apego à natureza.

Em 1842 e 1843, Gonçalves Dias compõe dois romances: *Memórias de Agapito Goiaba* e mais um outro, além de um longo poema, que viria a ser por ele destruído como os dois primeiros. Escreveu mais dois dramas — *Patkull* e *Beatriz Cenci*. Entre poesias compostas nesse período, avulta a imorredoura “Canção do Exílio”.

Segundo Manuel Bandeira, “Canção do Exílio” foi, sem dúvida, o seu primeiro grande momento de inspiração, acrescentando o grande poeta de *Estrela da Manhã*: “Ainda que

não tivesse escrito mais nada, ficaria, por ela, o seu nome gravado para sempre no coração e na memória de sua gente.”

Pode ser dito que “Canção do Exílio” é a primeira denotação de enquadramento de Gonçalves Dias no ideário romântico, já pelo texto da composição, escoimado de qualificativos, já pelo efeito de simplicidade logrado com a escolha dos substantivos, todos eles vinculados ao homem em função da Natureza; já pelo tom de descante singelo que emana do uso do heptassílabo, de cunho popularesco. A tudo isso, que é presença no contexto da canção, ajunte-se a citação, pelo poeta, no alto da poesia, dos versos do mestre romântico alemão Goethe: “Conheces o país onde florescem as laranjeiras? Ardem na escura fronde os frutos de ouro. . . Conhecê-lo- Para lá, para lá quisera eu ir.”

Outros demonstrativos posteriores não houvesse, e inúmeros, na obra poética de Gonçalves Dias, da sua vocacional e também consciente adesão ao Romantismo, bastaria a “Canção do Exílio” para a tal movimento deixá-lo indissolivelmente ligado. Nela há saudade, sensação de ausência, desejo da viagem de volta e, indisfarçável, o apego à paisagem nativa, tudo que da escola romântica se faz apanágio.

“Canção do Exílio”, além de tudo, é mais uma poesia individualista, rondando sua temática em torno da primeira pessoa do singular. É, ao contrário da poesia clássica ou neoclássica, que é absolutista, uma expressão emocional relativista, estabelecendo o liame indissolúvel e marcante entre o poeta, com seu sentimento de solidão, e a natureza, melhor, à região, ao passado distante.

Neste âmbito, isto é, no tocante à “Canção do Exílio”, o romântico brota em Gonçalves Dias desapegado de conceitualização de escola; é transbordamento natural, fora da conotação cronológica, repetindo, como manifestação íntima espontânea, o que ocorreu, através das idades, com a Poesia, fazendo repontar notas que hoje seriam tidas como românticas em Ovídio como em Dante, em Camões como em Shakespeare, por vezes em autores do pleno domínio do barroco.

Por tal espontaneidade no fazer o poema com as características da lírica romântica é que Gonçalves Dias obscurece os predecessores Gonçalves de Magalhães e Araújo Porto Alegre, que, embora fazendo-se epígonos do programa romântico, não se puderam desapegar de certos ressaibos do neoclassicismo, contra o qual se rebelaria a escola, à base das idéias de Jean-Jacques Rousseau e das concepções estéticas de um Walter Scott, na Inglaterra, de Herder, irmãos Schlegel e Goethe, na Alemanha, seguidos por Chateaubriand e Mme. de Stäel.

Inúmeros são os momentos de lirismo individual que comportam Gonçalves Dias na real posição que sempre desfrutou e desfrutará de perfeito representante do Romantismo no Brasil. Mas há que verificar, e aqui de modo evidentemente consciente, a sua revelação como romântico sob outro aspecto: o da intenção eloqüente de fixar o processo revolucionário da escola, de conotação estrangeira, ao complexo da realidade nacional brasileira: a exploração da paisagem nativa; a ênfase do silvícola como alta expressão da nacionalidade brasílica original; a integração da natureza selvagem como cenário de temas e de heróis; enquadramento das notas regionais na obra de concepção; a presença de um linguajar o quanto possível novo, desapegado sempre mais e mais da língua de origem; a ruptura definitiva com os moldes e cacoetes do neoclassicismo.

Tudo isto pode ser encontrado, em maior ou menor dose, em Gonçalves Dias épico, valendo destacar aqueles poemas que são os mais altos da inspiração indianista do poeta, constantes dos *Últimos Cantos*: “Marabá”, “Leito de Folhas Verdes”, culminando com a magnificência épico-dramática de “I-Juca-Pirama”, em que tudo ressuma o acendrado espírito romântico no sentido de exaltação do passado, das tradições da paisagem, da índole de uma raça, tudo representativo de uma nacionalidade cujas raízes se querem grandes e nobres.

Na primeira estrofe do “I-Juca-Pirama” (que se traduz do tupi como “o que há de morrer, e o que é digno de ser morto”) mesmo quando a intenção maior é cantar o vigor, a nobreza e os feitos de uma nação indígena, o poeta não deixa de aludir à paisagem nativa:

*No meio das tabas de amenos verdores,
Cercadas de troncos — cobertos de flores,
Alteiam-se os tetos d'altiva nação;
São muitos seus filhos, nos ânimos fortes,
Temíveis na guerra, que em densas coortes
Assombram das matas a imensa extensão.*

A partir da terceira estrofe do poema, e até a oitava, o poeta, sempre denotando filiação romântica, descreve o início de uma cerimônia de morte punitiva numa taba, fiel, fidelíssimo à verdade histórica, o que prova completa integração nas tradições brasílicas pré-coloniais, à base dos cronistas que primeiro registraram usanças silvícolas nas terras brasileiras.

Ao longo do vasto poema, noutra demonstração consciente do ideário romântico, ou seja, anti-clássico, vemos o poeta passar do verso de onze sílabas, em sextilhas regulares, bem próprios para exaltação épica, para as estrofes de quatro versos, o primeiro e o terceiro decassílabos e os outros dois, de quatro sílabas, o que dá à continuidade da poesia um tom sereno de descrição:

*Em fundos vasos d'alvacenta argila
Ferve o cauim;
Enchem-se as copas, o prazer começa,
Reina o festim.*

Já quando põe o falar o índio condenado, para que este recite o seu canto de morte, o poeta vai buscar nas tradições trovadorescas medievais (outra nota intencionalmente romântica) o metro de cinco sílabas, tão do gosto popular e tão expressivo de ação:

*Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi.
Sou filho das selvas,
Nas selvas cresci;
Guerreiros, descendo
Da tribo tupi.*

O analista que percorrer "I-Juca-Pirama" com grande apego ao formulário poético tradicionalista muita coisa en-

contrará nas estrofes gonçalvinas inquináveis de erros, mas que são, isto sim, reveladoras de intencional espírito de rebelião ao estabelecido, antes, como norma inviolável. Por exemplo, no verso — “A quem do sacrifício cabe nas honras”, como admitir a irregularidade da concordância a não ser como propositada e conscientemente ousada, partindo o decassílabo do perfeito lavrador das Sextilhas de Frei Antão?

Ainda a propósito, leia-se a seguinte estrofe do já citado poema:

*Vem ao terreiro o mísero contrário;
Do colo à cinta a muçurana desce:
Dize-nos quem és, teus feitos canta,
Ou se mais te apraz, defende-te. Começa
O índio que ao redor derrama os olhos,
Com triste voz que os ânimos comove.*

Na estrofe, que é decassilábica, o terceiro verso, ao contrário dos anteriores, tem apenas nove sílabas. E logo o verso a seguir apresenta onze sílabas, não, evidente, por descaso ou ignorância, sim, por um princípio muito dos românticos, de certa e proposital ruptura com os modelos convencionais.

Outros poetas, românticos ou pré-românticos, falaram do índio brasileiro; nenhum como Gonçalves Dias desceu tanto à fidelidade no relatar hábitos e tradições; nenhum outro, como ele, detalhou armas e vestimentas do nosso silvícola, usando a nomenclatura autóctone, ele que foi, a par de tantas outras coisas, um tupinólogo.

Alinhem-se algumas armas e adornos: canitar, penacho ou cocar; arazóia, saiote de penas, de uso feminino; enduape, fralda de penas coloridas; murmuré, instrumento musical feito de osso humano; boré, instrumento musical de guerra; igaras, canoas feitas de um só tronco; janúbia (ou inúbia), uma espécie de oboé.

Não há negar, no panorama do Romantismo do Brasil, Gonçalves Dias foi instrumento completo em sua mensagem, quer lírica, quer épica. Tal posição jamais lhe será tomada. Sirvam, através dos tempos, abonações tais como estas, a seguir.

De Sílvio Romero (com relação ao mestiçamento do poeta) “Nosso poeta aos africanos (o sangue que menos lhe corria nas veias) deveu aquela expansibilidade de que era dotado, aquela ponta de alegria que não o deixou jamais e que especialmente noto em suas cartas. Aos indígenas, as melancolias súbitas, a resignação, a passividade com que suportava os fatos e acontecimentos, deixando-se ir ao sabor deles. Aos portugueses deveu o bom senso, a nitidez e clareza das idéias, a religiosidade que não o abandonou jamais, as preocupações fantasistas, um certo idealismo mórbido e impalpável.”

De Ronald de Carvalho — “O sentimento da natureza, mercê do sangue que lhe corra nas veias, e onde se cruzavam as tendências das três raças produtoras do mestiço brasileiro, não lhe rebentava da alma como um motivo de glória ou esplendor. . . Foi ele, sem dúvida, a primeira voz definitiva de nossa poesia, aquele que nos integrou na própria consciência nacional, que nos deu a oportunidade venturosa de olharmos, rosto a rosto, nossos cenários físicos e morais. . . Ninguém, até Gonçalves Dias, mostrara em tão elevado grau dessa compreensão da natureza, esse conhecimento profundo e claro do seu papel na poesia.”

De Heron de Alencar — “Do ponto de vista temático, o indianismo dominou na obra de Gonçalves Dias. Embora não tenha sido o introdutor do tema na poesia brasileira, foi, ao lado de José de Alencar, que o elevou à categoria de valorizador da nacionalidade, renovando-o depois das tentativas sem êxito dos primeiros românticos. E isso lhe foi possível, não somente porque era um poeta de fértil imaginação e aguda sensibilidade, ou porque tivesse sangue índio e da infância lhe restassem vivas lembranças dos selvagens maranhenses; é que, a essas circunstâncias e qualidades, teve o cuidado de somar o estudo das populações indígenas, observando-lhes as crenças, as tradições, os costumes, bem como a leitura inteligente dos viajantes e cronistas, daí resultando os trabalhos lingüísticos, etnográficos e históricos que deixou, e a nota de autenticidade que se percebe em sua obra literária.”

Fortaleza, dezembro de 1973